LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: COMO DESENVOLVER A HABILIDADE DE COMPREENSÃO DE TEXTO

MARIA DE FATIMA DA SILVA

RESUMO
Este estudo investiga o impacto da leitura na alfabetização na Educação Infantil, analisando como a prática de leitura influencia positivamente o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. O estudo explora a importância da contação de histórias e da leitura desde cedo, com base em referências teóricas, e adota uma metodologia que envolve revisão de literatura e observação em sala de aula. A pesquisa avaliou a interação das crianças com os livros, considerando a frequência e a qualidade das leituras realizadas por professores e pais, bem como o impacto na motivação e no interesse das crianças. Os resultados indicam que a exposição precoce à leitura contribui para um vocabulário mais rico, melhor compreensão de textos e maior concentração. A leitura em voz alta também mostrou promover empatia, criatividade e pensamento crítico. O estudo reforça a importância de educadores e pais utilizarem a leitura como ferramenta para o desenvolvimento integral das crianças e sugere que as escolas implementem programas de leitura contínuos e estruturados. Recomendamos ainda a formação de professores para que integrem a leitura de forma eficaz em suas práticas pedagógicas. Esse estudo oferece contribuições relevantes para educadores que buscam melhorar suas práticas, destacando a leitura como um meio essencial para a formação de futuros leitores críticos e engajados.
PALAVRAS-CHAVE: letramento; educação infantil; literatura infantil.

ABSTRACT
This study investigates the impact of reading on literacy in Early Childhood Education, analyzing how reading practice positively influences the development of reading and writing skills. The study explores the importance of storytelling and reading from an early age, based on theoretical references, and adopts a methodology that involves literature review and observation in the classroom. The survey evaluated children's interaction with books, considering the frequency and quality of readings carried out by teachers and parents, as well as the impact on children's motivation and interest. The results indicate that early exposure to reading contributes to a richer vocabulary, better comprehension of texts, and greater concentration. Reading aloud has also been shown to promote empathy, creativity, and critical thinking. The study reinforces the importance of educators and parents using reading as a tool for the integral development of children and suggests that schools implement continuous and structured reading programs. We also recommend the training of teachers so that they can integrate reading effectively into their pedagogical practices. This study offers relevant contributions for educators who seek to improve their practices, highlighting reading as an essential means for the formation of future critical and engaged readers.
KEYWORDS: literacy; early childhood education; children's literature.

INTRODUÇÃO

A linguagem é um dos aspectos fundamentais para a formação do ser humano. Desde a infância, as crianças são expostas a diferentes formas de linguagem, tanto oral como escrita. Na educação infantil, é importante compreender como ocorre a aquisição da linguagem e como podemos trabalhar para desenvolver habilidades como a leitura e a interpretação de textos. Para embasar nossas práticas, utilizamos as contribuições de autores renomados, como Coll (1996), Ferreiro (1999), Kramer e Rocha (2011) e Vygotsky (1991). Além disso, discutiremos sobre as principais características do letramento e da alfabetização na educação infantil, destacando a importância da literatura nesse processo. Para isso, apoiamos em autores como Ferreiro (1985), Lerner (2002), Soares (1998), Vygotsky (1984), Zilberman (1981), Bettelheim (2002), Costa (2007), Lajolo e Zilberman (1988) e Silva (2006).A alfabetização e o letramento não são processos isolados, mas partes de uma formação integral que abrange aspectos sociais, culturais e cogniti-

vos. Nesse sentido, o papel do professor na mediação das interações entre a criança e o texto é essencial para que o desenvolvimento da linguagem ocorra de maneira significativa e contextualizada. Considerando que cada criança possui um ritmo próprio de desenvolvimento, a criação de um ambiente rico em estímulos e oportunidades para a expressão linguística é fundamental. A literatura infantil, por exemplo, desempenha um papel crucial nesse contexto, permitindo que as crianças vivenciem a linguagem de forma lúdica e prazerosa, enquanto ampliam seu vocabulário e habilidades de compreensão. Outro ponto a ser considerado é que a linguagem vai além da simples decodificação de palavras. Ela envolve a capacidade de se comunicar, interpretar, construir significados e interagir com o mundo ao redor. Na educação infantil, o letramento deve ser compreendido como um processo que se inicia antes mesmo da escolarização formal, uma vez que as crianças já vivenciam experiências de leitura e escrita em seus contextos familiares e sociais. É por meio dessas experiências que elas começam a atribuir sentido aos símbolos, estabelecendo relações entre as palavras e os objetos ou ações que representam. O uso de práticas pedagógicas que promovem o diálogo e a troca de experiências entre as crianças, como rodas de leitura, contação de histórias e projetos interativos, contribui significativamente para o desenvolvimento da linguagem e da capacidade crítica. Além disso, a interação social, conforme discutido por Vygotsky, desempenha um papel central no aprendizado, pois as crianças constroem conhecimentos em colaboração com outras, seja com seus pares ou com adultos. O papel da mediação do professor, portanto, é vital para promover situações de aprendizagem em que o aluno possa ir além de suas capacidades individuais, ampliando suas potencialidades por meio da colaboração e da intervenção pedagógica adequada. Nesse contexto, o conceito de letramento, tal como discutido por Soares (1998), vai além da simples alfabetização e abrange um conjunto de práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita em situações reais de uso. A ênfase no letramento busca, assim, formar leitores e escritores capazes de participar ativamente de sua comunidade e de construir conhecimentos a partir dos textos que leem. Por isso, é fundamental que a escola promova atividades que estejam conectadas à vida cotidiana da criança, permitindo que ela reconheça a relevância da leitura e da escrita em diversos contextos. A literatura infantil, em particular, é uma ferramenta poderosa para esse fim. Autores como Bettelheim (2002) e Zilberman (1981) destacam a importância dos contos de fadas e de histórias que ressoam com as emoções e experiências das crianças, ajudando-as a lidar com seus sentimentos e a compreender o mundo de maneira simbólica. Ao mesmo tempo, a literatura expande o horizonte cultural das crianças, introduzindo-as a diferentes perspectivas, valores e realidades. Assim, o papel da leitura não se limita ao aspecto cognitivo, mas envolve também o desenvolvimento emocional e social, aspectos igualmente essenciais na formação do ser humano.

Portanto, o presente estudo busca aprofundar a discussão sobre a importância do letramento e da alfabetização na educação infantil, evidenciando a relevância de práticas pedagógicas que favoreçam o desenvolvimento integral da criança. Ao longo do trabalho, propomos uma reflexão sobre como a literatura e o ambiente de sala de aula podem ser transformados em espaços de criação, expressão e aprendizagem significativa, respeitando as particularidades de cada criança e promovendo o seu desenvolvimento em todas as dimensões.

LINGUAGEM ORAL E ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A literatura infantil desempenha um papel crucial na formação das crianças, permitindo que desenvolvam habilidades vitais, como a compreensão de textos. Na antiguidade, o conceito de infância era praticamente inexistente, mas hoje sabemos que o processo de alfabetização começa na fase inicial da vida e é fundamental para o sucesso escolar das crianças. Para cultivar o hábito da leitura nas crianças, é importante que a literatura infantil esteja presente em seu dia a dia, proporcionando estratégias que auxiliem no desenvolvimento da habilidade de compreensão de texto.

Ao longo dos séculos, a sociedade evoluiu e a infância passou a ser valorizada, mas ain-

da há muito a ser feito para promover a educação e o desenvolvimento infantil.

A partir das histórias, as crianças são apresentadas a um mundo de possibilidades, aprendendo novas palavras, expressões, humor e emoções. No entanto, para que desenvolvam a habilidade de compreensão de texto, é essencial estimulá-las a realizar leituras ativas e críticas. Isso envolve se envolver com a história, se colocar no lugar dos personagens, visualizar as cenas e refletir sobre o conteúdo, além de questionar e buscar mais informações. Antigamente, a educação infantil no Brasil se limitava aos cuidados e recreação, sem foco no desenvolvimento da escrita. Felizmente, houve uma mudança de mentalidade e hoje temos uma preocupação maior em reduzir o fracasso escolar e incluir crianças em situação de vulnerabilidade. Graças aos estudos e abordagens inovadoras, como a "Psicogênese da Língua Escrita", de Ana Teberosky e Emília Ferreiro, avançamos na compreensão da aquisição da linguagem escrita pelas crianças. Ainda assim, há muito trabalho a ser feito na área da educação infantil e no desenvolvimento infantil de forma geral. Apesar da evolução do conceito de infância, é necessário continuar lutando por um futuro mais justo e igualitário para todas as crianças. No entanto, devemos valorizar o progresso alcançado até agora e trabalhar juntos para construir um futuro melhor para as próximas gerações. Como disse ferreiro, "Construir um futuro melhor para as crianças depende de nós". “[...] um sujeito que procura ativamente compreender o mundo que o rodeia e trata de resolver as interrogações que este mundo provoca. Não é um sujeito que espera alguém que possui o conhecimento o transmita a ele por um ato de benevolência. É um sujeito que aprende basicamente através de suas próprias ações sobre os objetos do mundo e que constrói suas próprias ações sobre os objetos do mundo e que constrói suas próprias categorias de pensamento ao mesmo tempo em que organiza o seu mundo”. Desde os primeiros anos de vida, a criança já manifesta um genuíno interesse pela escrita e começa a desenvolver um conhecimento prévio sobre o assunto. É importante destacar que a alfabetização não é um processo restrito ao ambiente escolar, já que o aprendizado está diretamente relacionado à habilidade de associar conceitos e conectar informações. Por isso, é crucial valorizar a perspectiva do aluno como o principal agente do processo de alfabetização, enquanto o professor assume um papel coadjuvante em sua trajetória educacional. Ao compreender e respeitar essa perspectiva, é possível promover uma educação mais significativa, agradável e repleta de resultados concretos.

Um sujeito intelectualmente ativo não é aquele que “faz muitas coisas”, nem um sujeito que tem uma atividade observável. Um sujeito ativo é aquele que compara, exclui, ordena, categoriza, reformula hipóteses, reorganiza etc.; em ação interiorizada (pensamento) ou em ação efetiva (segundo seu nível de desenvolvimento) um sujeito que está realizando materialmente algo, porém, segundo as instruções ou o modelo para ser copiado, dado por outro, não é, habitualmente, um sujeito intelectualmente ativo. (FERREIRO, 1999, p. 32)

A habilidade de escrever vai muito além da simples decodificação de símbolos e códigos; é um processo complexo que envolve a formulação de hipóteses sobre a escrita. De acordo com Ferreiro (1999), esse processo se desdobra em quatro etapas: Pré-silábica, Silábica, Silábico-alfabética e Alfabética. Durante essas fases, a criança desenvolve sua compreensão da linguagem escrita, aprendendo a relacionar letras e sons. No entanto, o método convencional de alfabetização, que se concentra na divisão do texto em partes (letras, sílabas etc.), pode prejudicar o progresso das crianças. Ferreiro argumenta que o método global, que prioriza a compreensão social do texto, deve ser adotado. Infelizmente, muitas escolas ainda adotam cartilhas padronizadas, ignorando essas hipóteses. Isso resulta em alunos que sabem decodificar os símbolos, mas não têm a habilidade de usá-los para escrever e entender o papel da escrita na sociedade. É essencial que as escolas levem em consideração a teoria de Ferreiro e adotem métodos de alfabetização que permitam que as crianças desenvolvam plenamente suas habilidades de escrita e compreensão do texto. Ferreiro (1999, p. 175) destaca a magia da leitura, que transmite significado e propósito por meio das marcas escritas, dotando-as de po-

deres especiais. Pesquisas com crianças em situação de vulnerabilidade indicam que as dificuldades escolares podem estar relacionadas à falta de contato com textos escritos. Para promover uma aprendizagem eficaz, é importante incentivar as crianças a escreverem livremente desde cedo, sem a pressão de atividades repetitivas e sem foco na memorização. No Brasil, o construtivismo tem sido aplicado de maneira distorcida. Os conceitos e teorias de Piaget, que deveriam estar intimamente ligados à educação, muitas vezes chegam às salas de aula com interpretações equivocadas. Termos como "ser ativo", "pensamento concreto", "respeitar o interesse infantil", "autonomia" e "gênese/genético" passaram a ser associados a práticas e conceitos inadequados na educação. Somente na década de 90 é que as ideias construtivistas começaram a ser incorporadas de maneira mais sólida no pensamento pedagógico das instituições de Educação Infantil, segundo Kramer e Rocha (2011). No entanto, mesmo assim, essas ideias foram implementadas superficialmente e muitos professores ficaram sem orientação, tendo que encontrar soluções por conta própria, muitas vezes mantendo velhos hábitos ou se perdendo em uma multidão de questões. Um dos primeiros equívocos nessa jornada foi a prática do "espontaneísmo", que encorajava as crianças a aprenderem sozinhas, sem a intervenção de um adulto. Isso vai contra o conceito do "erro construtivo", que pressupõe que os erros fazem parte do processo de aprendizagem e fornecem ao professor informações valiosas sobre onde a criança precisa de ajuda. Embora o erro faça parte do processo de construção do conhecimento, não deve ser visto como o fim desse processo. É importante entender que aprender é um caminho com muitas possibilidades e que a intervenção do professor é essencial para orientar o aluno no caminho da aprendizagem efetiva. [...] É possível que a falta de compreensão adequada do que é chamado de 'erro construtivo' seja a causa de indagações como: "Não podemos mais corrigir os erros das crianças?" A questão não está em não corrigir, mas sim em como o professor intervirá para que a criança perceba seu "erro" e, a partir dessa consciência, progrida na compreensão de seu objeto de conhecimento, seja a escrita, a linguagem simbólica da matemática ou qualquer outro conceito (ROSA, 2009, p.53). No entanto, ainda há muitos professores que insistem em utilizar materiais desatualizados e obsoletos, que não refletem a realidade dos alunos. Para despertar o interesse deles, é imprescindível oferecer um conteúdo relevante e estimulante, que os faça perceber a importância de aprender. Além disso, é fundamental saber como aproveitar o conhecimento prévio dos alunos, tomando como ponto de partida as suas vivências cotidianas, mas sem negligenciar os conceitos científicos. O objetivo é conduzir o aluno a repensar suas ideias, aproximando-as das ideias científicas, sem desvalorizar suas percepções do dia a dia. A psicogênese desempenha um papel importante no reconhecimento do valor das produções escritas das crianças, onde erros são vistos como parte de um processo de construção. No entanto, é preciso cuidado para não superestimar a escrita em detrimento de outras formas de expressão, incluindo a leitura. É necessário encontrar um equilíbrio para garantir um ensino eficaz e um desenvolvimento completo das habilidades das crianças. Em resumo, a adoção do construtivismo traz desafios significativos para os professores, os quais devem ser superados através da aplicação de um conjunto coeso de princípios. É imprescindível diagnosticar, avaliar e tomar decisões fundamentais sobre o ensino, valorizando o conhecimento prévio dos alunos e trabalhando com conteúdo relevantes, leitura e outras formas de expressão.

[...] Foram vistos, por exemplo, desenhos das crianças legendados pela professora, ditado de uma lista de coisas para as crianças escreverem, com a finalidade de avaliar e identificar níveis de apropriação do sistema de escrita. Sob o rótulo de propostas construtivistas, foram sendo classificadas ações pedagógicas das mais espontaneístas às mais diretivistas, porque a transposição de conhecimentos de pesquisas para o ambiente escolar acarretou e te acarretado uma não diferenciação entre metodologia de ensino e processos de aprendizagem. (KRAMER e ROCHA, 2011, p.244)

Na abordagem interacionista, a língua é forjada pelos diálogos entre os falantes, escri-

tores e leitores, levando em consideração as intenções ideológicas da comunidade sociocultural. É um processo simbiótico que caracteriza o desenvolvimento cognitivo e psicológico do indivíduo, moldado por suas próprias atividades e interações com os outros. O desenvolvimento e a aprendizagem são intrinsecamente ligados na formação do indivíduo, tornando impossível separar forma e conteúdo, bem como a aprendizagem de qualquer relação com a realidade e experiência do aluno. É essencial que o aluno compreenda os conteúdos que aprende, estabelecendo uma conexão entre o que já sabe e o que irá aprender, para que o conhecimento seja assimilado e organizado de forma efetiva. A linguagem é entendida como uma atividade social, intersubjetiva e histórica, construída e ampliada nas práticas sociais mediadas pela linguagem. Através dessa mediação, a criança dá significado à própria linguagem e a si mesma. O ensino da língua deve partir do ponto em que o aluno se encontra, gradualmente ensinando o que ele ainda não domina. Apesar de outras pesquisas terem contribuído significativamente para a área de linguagem, leitura e escrita, é necessário que a prática pedagógica esteja constantemente atualizada e acompanhe os avanços teóricos da área. A reelaboração das práticas pedagógicas sem embasamento teórico e discussões coletivas tende a se distanciar dos conhecimentos primordiais. Devemos estar atentos às questões relacionadas à leitura e escrita na educação infantil, especialmente agora que as escolas estão sendo compelidas a repensar seu papel educativo. Em síntese, adotar a perspectiva interacionista na educação significa considerar a língua como atividade social e histórica, promovendo uma aprendizagem que leve em conta a realidade e a experiência do aluno. É fundamental que os educadores estejam sempre atualizados e atentos aos avanços teóricos e às questões relacionadas à leitura e escrita na educação infantil.

LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No mundo atual, estamos plenamente conscientes da importância primordial da Educação Infantil no âmbito da Educação Básica. Esta etapa inicial apresenta uma série de abordagens pedagógicas que têm como objetivo fundamental oferecer às crianças acesso e domínio de conhecimentos provenientes de diferentes linguagens, permitindo assim que elas desenvolvam suas habilidades e interliguem suas descobertas. Dessa forma, a Educação Infantil constitui o ponto de partida para uma trajetória educacional inteligente e de sucesso no futuro.

[...] Educar significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. (BRASIL, 1998, v.1, p.23)

Conforme apontado por Vygotsky (1991), a aprendizagem na infância é impulsionada pela interação com o ambiente e objetos, assim como pela interação entre crianças da mesma idade. Durante essas experiências, a criança cria hipóteses sobre o mundo ao seu redor, levando em consideração seu estágio de desenvolvimento e maturidade biológica. O conhecimento parte do sujeito e é aplicado ao ambiente externo, através da apropriação e internalização das relações experimentadas. Quando se trata da pré-história da linguagem escrita, Vygotsky (1991, p. 133) reforça a importância da escrita para o desenvolvimento infantil e destaca a necessidade de despertar seu significado intrínseco nas crianças, incorporando a escrita a atividades relevantes e necessárias em suas vidas. A aquisição da linguagem escrita também é crucial para o desenvolvimento da linguagem oral, que é essencial na educação infantil. A voz dos bebês, crianças e professores, seja cantando ou contando histórias, contribui para a ampliação da interação social, autonomia e habilidade de expressão das crianças. De acordo com Vygotsky (1984), a linguagem desempenha um papel essencial no desenvolvimento de funções psicológicas superiores. A discussão em grupo e a aprendizagem social auxiliam a transformação da linguagem externa em pensamento intrapessoal.

Em suma, a relação entre o indivíduo e o mundo é mediada pela linguagem e sistemas de comunicação, tornando a abordagem de

Vygotsky crucial para o desenvolvimento infantil e a educação de qualidade. Além da função comunicativa mais direta, comunicar algo a alguém, a língua também oferece às crianças experiências onde brincar com as palavras é a função prioritariamente exercida pelo falante.

[...] O vasto repertório de tradição oral brasileira são fonte inesgotável de prazer para as crianças e por isso deve ser enfocado no trabalho das instituições educativas. (SÃO PAULO, 2007, p.84).

Segundo Lemos (1988), as crianças provenientes de ambientes letrados, que estão expostas à cultura escrita, se envolvem de maneira mais profunda e engajada com o letramento. A participação ativa desde tenra idade em diversas situações envolvendo a escrita, como a leitura de livros pelos adultos, a discussão sobre notícias de jornais ou o acesso a panfletos informativos, é fundamental para estabelecer uma relação com a escrita como prática discursiva e objeto em suas vidas. A escrita, como prática discursiva, tem o poder de despertar emoções, transportar as crianças para mundos imaginários, informar, comunicar, instruir e auxiliar em diversas situações - ela é um componente essencial nas interações do dia a dia. Como objeto, a escrita se apresenta em diferentes formas de grafia presente nos materiais familiares que circulam no ambiente em que a criança vive. Para elas, a linguagem escrita é uma parte essencial da comunicação verbal cotidiana. Ao ingressar na educação infantil, muitas atividades de leitura e escrita já fazem parte da rotina das crianças. No entanto, nem todas têm igual acesso a essas práticas, e as diferenças começam a se manifestar desde cedo. O letramento é um processo contínuo que começa nas primeiras interações das crianças com a cultura letrada e se estende ao longo da vida, abrangendo as diferentes esferas sociais em que os indivíduos circulam e suas necessidades comunicativas. Desde cedo, os pequenos percebem que as marcas impressas são formas de registrar, expressar e simbolizar sua experiência, além de abrir possibilidades de diálogo e trocas entre sujeitos. Para que a linguagem escrita se torne uma ferramenta simbólica, capaz de se organizar dentro de padrões e convenções, é necessário que o sujeito se aproprie dela. Essa assimilação é um processo contínuo que se amplia ao longo da escolarização. Segundo Soares (1998), a alfabetização é o processo de ensinar/aprender a ler e escrever, enquanto o letramento se refere à condição daqueles que não apenas possuem a habilidade de ler e escrever, mas também cultivam práticas sociais de escrita. A alfabetização está relacionada à compreensão e assimilação do alfabeto, das regras e convenções da escrita, enquanto o letramento envolve as práticas sociais envolvendo a escrita. Ambos são processos inseparáveis, e a alfabetização está inserida no processo de letramento. Já na educação infantil, inicia-se o processo de "letramento" que precede a alfabetização. Não se trata apenas de preparar os alunos, mas sim de levá-los a compreender a importância social da leitura e da escrita. É fundamental que os professores estejam cientes de que esse é um processo constante e contínuo que se estende ao longo de toda a trajetória escolar. Afinal, as diferenças e desigualdades começam a se manifestar desde cedo, e é necessário trabalhar desde cedo para reduzi-las. A tão famosa ‘maturidade para a leitura e escrita’ depende muito mais das ocasiões sociais de estar em contato com a linguagem escrita do que de qualquer outro fator que se invoque. Não tem sentido deixar a criança à margem da linguagem escrita ‘esperando que amadureça.

[...] Sabemos que não basta colocar a criança em contato com o objeto do conhecimento. Ler é um processo que implica o uso constante de análise e síntese, mas para que a leitura seja significativa esse uso tem que ser construído pelo leitor. (FERREIRO, 1985, p. 44)

Na Educação Infantil, não se trata apenas de preparar os pequenos para a alfabetização. É essencial que eles desenvolvam uma compreensão profunda da linguagem escrita e de sua importância na sociedade, assim como das diferenças em relação à comunicação oral. Isso não acontece de forma natural e cabe ao educador ser o mediador, planejando atividades que estimulem a interação das crianças com os livros. Em resumo, é uma prática que requer conhecimento e habilidade de um profissional da educação.

A educação infantil, ao promover experi-

ências significativas de aprendizagem da língua, por meio de um trabalho com a linguagem oral e escrita, se constitui em um dos espaços de ampliação das capacidades de comunicação e expressão e de acesso ao mundo letrado, pelas crianças. (BRASIL, 1998, p. 117)

É bastante comum nos depararmos com crianças segurando um livro, recitando cada página de cor. É interessante observar que elas utilizam certas ferramentas linguísticas típicas da língua escrita, revelando um nível de familiaridade com a leitura, apesar de não serem alfabetizadas. Da mesma forma, também encontramos casos de indivíduos que sabem ler, mas possuem um letramento limitado. É importante ressaltar que a falta de alfabetização prejudica a capacidade de letramento de uma pessoa. Portanto, essa separação rígida entre os conceitos de alfabetização e letramento acaba por diminuir ambos os termos.

Alfabetizar letrando ou letrar alfabetizando pela integração e pela articulação das várias facetas do processo de aprendizagem inicial da língua escrita é sem dúvida o caminho para superação dos problemas que vimos enfrentando nesta etapa da escolarização; descaminhos serão tentativas de voltar a privilegiar esta ou aquela faceta como se fez no passado, como se faz hoje, sempre resultando no reiterado fracasso da escola brasileira em dar às crianças acesso efetivo ao mundo da escrita. (SOARES, 2004, p.12)

Smith (1999) propõe que a leitura seja encarada como uma atividade criativa e envolvente para o aprendiz. Ela é caracterizada por sua objetividade, seletividade, capacidade de antecipação e dependência da compreensão.

A objetividade da leitura é evidente, pois é realizada com o propósito específico de atender a uma necessidade. Seja para buscar informações, encontrar respostas a dúvidas, ficar por dentro dos acontecimentos sociais e políticos, descobrir o desfecho de uma novela ou até mesmo localizar um item no supermercado.

A seletividade desempenha um papel fundamental na leitura, já que somos naturalmente inclinados a focar apenas nos aspectos relevantes que nos ajudarão a atingir nossos objetivos. A leitura também é uma atividade antecipatória, já que as nossas expectativas direcionam o nosso processo de leitura. Além disso, a compreensão é o alicerce da leitura, não o mero resultado. Uma compreensão eficaz permite melhorar a nossa capacidade de prever, reduzir ambiguidades e eliminar alternativas irrelevantes. Portanto, é crucial incentivar as crianças a fazerem previsões, a fazerem comparações, a apreciar as histórias e a se aventurar na leitura, uma vez que elas estão sempre prontas para aprender. Para que as crianças possam desenvolver uma habilidade de leitura eficaz, também é importante que elas sejam capazes de distinguir entre a fala e a escrita. Como educadores, temos o dever de estimular e criar atividades que incentivem nossos alunos a apreciarem a leitura de forma gratificante e enriquecedora. Ao abordarmos a leitura de maneira criativa e inteligente, estamos proporcionando a eles um caminho sólido para desenvolverem habilidades de leitura indispensáveis ao longo de suas jornadas acadêmicas e pessoais. É por isso que como adultos, devemos ler e disponibilizar uma variedade de textos que fazem parte do cotidiano das crianças, permitindo que elas compreendam gradualmente seu significado social nesse contexto, o professor de educação infantil desempenha um papel fundamental como mediador, planejando e incentivando o contato com os livros, considerando sempre a faixa etária dos alunos, assim como o espaço e o tempo dedicados à leitura. Seguindo as palavras de Zilberman (1981, p.28), o professor tem a responsabilidade de estimular as múltiplas interpretações que cada obra literária sugere, destacando diversas perspectivas pessoais. De acordo com Smith (1999), é fundamental que a criança compreenda a diferença entre fala e escrita para dominar os fundamentos da leitura. Para isso, é importante que os adultos ofereçam uma variedade de textos que reflitam a realidade do dia a dia, permitindo que as crianças gradualmente compreendam seu significado social. Como destaca Zilberman (1981, p. 28), cabe ao professor estimular múltiplas perspectivas que cada criação literária possa sugerir, valorizando as diferentes interpretações pessoais. É essencial que o professor pratique a leitura diariamente, pois isso fornecerá sub-

sídios para avaliar o processo educacional e planejar atividades futuras. No entanto, é crucial enfatizar que essa avaliação deve se concentrar no desenvolvimento da criança e não deve ser usada para medições ou comparações entre elas. O Referencial Curricular para a Educação Infantil também alerta sobre essa abordagem profissional.

A observação das formas de expressão das crianças, de suas capacidades de concentração e envolvimento nas atividades, de satisfação com sua própria produção e com suas pequenas conquistas é um instrumento de acompanhamento de trabalho que poderá ajudar na avaliação e no replanejamento da ação educativa [...] deve-se ter em conta que não se trata de avaliar a criança, mas sim as situações de aprendizagem que foram oferecidas. Isso significa dizer que a expectativa em relação à aprendizagem da criança deve estar sempre vinculada às oportunidades e experiências que foram oferecidas a ela. (BRASIK, 1998, v. 2, p. 65).

É imprescindível que o professor da educação infantil esteja atento à qualidade do material gráfico utilizado em sala de aula. Afinal, como as crianças podem interpretar imagens infantis e simplificadas que não contribuem para seu aprendizado e, muitas vezes, reforçam preconceitos e estereótipos? (SÃO PAULO, 2007, p. 89). Portanto, é crucial selecionar textos que permitam às crianças ter uma leitura inicial que vá além do significado central proposto pelo professor. As ilustrações presentes nos livros infantis devem ser utilizadas para estimular a curiosidade e promover o hábito de leitura nos pequenos. Abreu (2010) destaca as considerações essenciais sobre as ilustrações nos livros infantis, que surgiram a partir dos contos de fadas de Perrault em 1967. No começo, as imagens tinham como único propósito ilustrar a história, com pouca intervenção criativa por parte do ilustrador, e ainda não eram devidamente valorizadas. Hoje, sua principal função é complementar o conteúdo do texto, podendo substituir, ampliar e adicionar informações, além de criar infinitas possibilidades de leitura relacionadas ao texto verbal. O livro infantil com ilustrações é um excelente aliado na aprendizagem, pois oferece oportunidades de leitura que vão além da decodificação do texto escrito. O professor deve compreender que o contato com o livro infantil, com suas histórias, ilustrações, recursos táteis e visuais, permite que a criança viva sempre uma nova e importante experiência, favorecendo a elaboração e expressão de suas próprias histórias e vivências. (ABREU, 2010, p.333).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao adentrar ao fascinante mundo da leitura sem ainda dominar completamente essa habilidade, as crianças da Educação Infantil são estimuladas a interpretar sinais gráficos, fazer conexões entre imagens e textos, antecipar significados, observar a estrutura textual e explorar uma infinidade de combinações entre palavras e letras. Essa experiência, aliada a narrativas envolventes, desenhos e ilustrações, encoraja as crianças a se aventurarem na escrita de forma espontânea. É essencial garantir que essa liberdade em relação à leitura e escrita seja preservada, evitando práticas mecânicas ou desprovidas de sentido. Portanto, é necessário criar propostas que empoderem as crianças como agentes da cultura, permitindo que elas deixem sua marca nos acontecimentos, pensamentos e imaginações. Esse despertar para a escrita tem o poder de desfazer o mito de que crianças de baixa renda enfrentam dificuldades na aprendizagem da leitura e escrita. A única diferença que pode existir entre elas é a falta de familiaridade com as ferramentas de escrita e a falta de experiência no comportamento leitor. A instituição escolar tem a responsabilidade de oferecer suporte para que todos possam se apropriar dos diferentes tipos de texto. No processo de desenvolvimento da habilidade de ler e escrever, o professor intervém levando em consideração os conhecimentos prévios da criança, proporcionando estratégias que facilitem a compreensão do mundo das letras.

REFERÊNCIAS

ABREU, A.A.B. Revelações que a escrita não faz: a ilustração do livro infantil. Vol. 1, nº 7, Ano VII. Marília: FFC/UNESP, 2010.

AGUIAR, V. T. A literatura infantil no compasso da sociedade brasileira. In: ZILLES, U. (Org.). Gratidão de Ser. Porto Alegre: PUCRS, 1994.

ARIÈS, P. História social da infância e da fa-

mília. Trad. Dora Flaksman. 2ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.
BARONE, L. M. C. Apontamentos para a construção do sujeito leitor. Constr. psicopedag. vol.15, n.12, pp. 27-37, 2007.
BERNARDI, F. As Bases da Literatura Brasileira: Histórias, Autores, Textos e Testes. Porto Alegre: Ed. Age, 1999.
BETTELHEIM, B. A psicanálise dos contos de fadas. 16 ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, v. 1, 1998.
BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, v. 2, 1998.
BRASIL. MEC. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica: Literatura na educação infantil: possibilidades e ampliações. Literatura: ensino fundamental / Coordenação, Aparecida Paiva, Francisca, 204 p. Coleção Explorando o Ensino; v. 20, 2010.
COELHO, N.N. Panorama histórico da literatura infanto/juvenil. 3ª ed. São Paulo; Quiron, 1985.
COLL (org). O construtivismo na sala de aula. 6ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1996
COSTA, M.M. Metodologia do ensino da literatura infantil. Curitiba: Ibpex, 2007.
FERREIRO, E. Deve-se ou não ensinar a ler e escrever na pré- escola? Revista Escola Municipal, SME. São Paulo, ano 18, nº 13, 1985 pág. 44.
FERREIRO E; TEBEROSKY, A. Psicogênese da língua escrita. Porto Alegre: Artmed, 1999.
FRANCO, A; ALVES, A. C. S; ANDRADE, R. C. Construtivismo uma Ajuda ao Professor; 4ª Edição, 1997.
KRAMER, S. e ROCHA, E.A.C. Educação Infantil: enfoques em diálogo. Campinas: Papirus, 2011.
LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R. Literatura infantil brasileira: história e histórias. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.
LEMOS C.T.G. A concepção da escrita pela criança. Campinas: Pontes, 1988.
LERNER, D. Ler e escrever na escola - o real, o possível e o necessário. Porto Alegre: Editora Artmed; 2002.
MORTATTI. Leitura Crítica da Literatura Infantil, 1 Itinerários, Araraquara, 17: 179-187 2001.
ROSA, S. S. Construtivismo e mudança. 8 ª ed. São Paulo: Cortez, 2002
SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. Orientações curriculares: expectativas de aprendizagens e orientações didáticas para Educação Infantil / Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2007.
SILVA, M. Poesia infantil contemporânea: dimensão lingüística e imaginário infantil. Imaginário, São Paulo, v. 12, n. 13, 2006
SILVA, A.L Trajetória da literatura infantil: da origem histórica e do conceito mercadológico ao caráter pedagógico na atualidade: Revista Eletrônica de Graduação do UNIVEM, Marília: v. 2 - n. 2 - jul/dez – 2009.
SMITH, F. Leitura significativa. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
SOARES, M. Alfabetização e Letramento, Caminhos e Descaminhos. .Pátio, 29, p. 19-22, 2004.
VYGOTSKY, L. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
VYGOTSKY, L. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
ZILBERMAN, R. A literatura infantil na escola. São Paulo: Global, 1981.